



## CONCEPÇÃO DE EXPERIMENTAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO.

Andressa C. Schneid (IC)<sup>1</sup>, Caroline P. Dutra (IC)<sup>1</sup>, Diego S. Moura (IC)<sup>1</sup>, Eduardo V. Pereira (IC)<sup>1</sup>, Karen L. Cruz (IC)<sup>1</sup>, Vanize C. Costa\* (IC)<sup>1</sup>, Irene T. S. Garcia (PQ)<sup>2</sup>, Verno Krüger (PQ)<sup>2</sup>  
vanizecaldeira@gmail.com

<sup>1</sup>Licenciatura em Química, Universidade Federal de Pelotas, Campus Capão do Leão, s/n, 96010-900, Pelotas, RS

<sup>2</sup>Núcleo de Ensino de Química, FaE/IQG, Universidade Federal de Pelotas, 96010-900, Pelotas, RS

Palavras Chave: Experimentação, Concepções dos professores

### Introdução

A experimentação pode ser uma atividade importante no desenvolvimento de determinadas competências e habilidades dos alunos no ensino de química, podendo contribuir para facilitar aprendizagens significativas nos alunos.<sup>1</sup>

Hodson<sup>2</sup> identifica três objetivos para o trabalho experimental de alunos da Educação Básica: a) Aprender ciência- adquirir e desenvolver conhecimentos conceituais e teóricos, que favoreçam a aprendizagem do conhecimento científico; b) Aprender sobre ciência – desenvolver uma compreensão sobre a natureza dos métodos científicos e das habilidades de manipulação de materiais de laboratório; c) Aprender a fazer ciência – participar e desenvolver experiências de investigação científica, ou seja, abordagens e atitudes relacionadas a informações, idéias e procedimentos considerados essenciais para aqueles que lidam com a ciência.

Devido à importância deste tema, investigamos a concepção sobre o objetivo de aulas experimentais no Ensino de Química apresentada por professores dos municípios de Pelotas e São Lourenço do Sul/RS, região que absorve grande parte dos egressos dos Cursos de Licenciatura de Pelotas.

### Metodologia

A partir de Hodson<sup>2</sup>, definimos as seguintes categorias: aprender ciência, aprender sobre ciência e aprender a fazer ciência. Essas categorias foram utilizadas para a identificação dos objetivos, que os professores de Química, das redes pública e privada de ensino de Pelotas e São Lourenço do Sul/RS, consideram importantes para as aulas experimentais. Foi elaborado um questionário fechado, que foi respondido por quinze professores de Ensino Médio, o que será analisado na continuidade.

### Resultados e Discussão

Os objetivos apresentados pelos entrevistados para a experimentação são mostrados na figura 1.

Observamos que a maioria dos professores considera como objetivo majoritário da experimentação, desenvolver a aprendizagem do conhecimento científico.

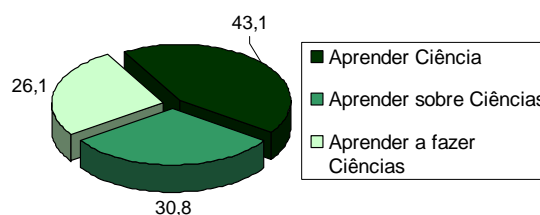


Fig. 1. Objetivos dos professores de ensino médio para a experimentação.

De forma unânime, estes professores dizem também utilizar as aulas de laboratório para motivar e manter o interesse dos alunos pelos conteúdos. Um grupo menor assume que a experimentação envolve o desenvolvimento de atitudes investigativas.

### Conclusões

Concluimos, no universo de professores de Química pesquisados, que muitos ainda vêm na experimentação uma maneira de ensinar Ciências. A experimentação pode ter outros propósitos e, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio<sup>1</sup>, desenvolver outras competências nos alunos. Aprender sobre ciências e a fazer ciências são outros objetivos que ainda podem ser explorados, promovendo a capacidade dos alunos explicarem e lidarem com dados e evidências, competências estas que são imprescindíveis à compreensão e à (re)construção das explicações científicas e à compreensão do conhecimento científico e do modo como se desenvolve.

### Agradecimentos

Esse trabalho é financiado pela CAPES através do Projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência).

<sup>1</sup> BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). PCN + Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

<sup>2</sup>HODSON, D. *Journal of Curricular Studies* 1996, 28, 115.